

# FIQUEM ONDE ESTÃO

Lúcio Costa

A construção de Brasília no cerrado deserto, a mil quilômetros do litoral, provocou, de início, um movimento geral de simpatia no estrangeiro, ainda mais que sua arquitetura despojada, elegante e inovadora, até mesmo algo insólita, surpreendia as pessoas.

Em seguida, começaram a “snobar” a cidade, acusada de ser uma oportunidade perdida porque — entre outras falhas — a população pobre estava mal alojada. Como se por uma simples transferência de capital o urbanismo pudesse resolver os vícios de uma realidade econômico-social secular: Como se

o Brasil não fosse o Brasil, mas a Suécia, ou outro país qualquer evidentemente civilizado. Ora, aqui, até os últimos anos do século XIX, a população obreira era constituída de escravos. Cada família pequeno-burguesa tinha em casa dois ou três escravos, de modo que depois da abolição, o comportamento escravista permaneceu. Por um lado, o operário aceitava como natural sua condição de inferioridade — a atitude reivindicatória do proletariado aqui é coisa recente — e, por outro lado, os burgueses, apesar da familiaridade no trato com os empregados, sempre os mantinham à distância, como anteriormente nas senzalas. Isto explica porque não foi

considerada minha proposição inicial de prever, ao longo de todo o eixo rodoviário-residencial, moradia para três níveis diferentes de poder aquisitivo — o que, entretanto, não teria resolvido o problema, já que grande parte da população trabalhadora é ainda menos que pobre. A mão-de-obra afluiu de toda parte, de modo que em torno de cada canteiro surgiram favelas, e foi necessário transferi-las para outros lugares, à medida que o ritmo das construções diminuía.

A Novacap —

empresa do governo incumbida de construir a capital — havia previsto três alternativas: de início, que terminadas as obras, um terço desta população retornaria ao seu estado de origem; um outro terço seria absorvido pela atividade agrícola e o terço restante pelos serviços. Mas se eles estavam mal em Brasília, estavam lá, muito melhor que alburres. Ninguém quis voltar e, por outro lado, o projeto de implantação de fazendas-modelo fracassou. A Novacap escolheu então locais na periferia e, em implantações sumárias (porque os arquitetos, não estando de acordo, se abstiveram de colaborar), deu lotes de terreno às famílias transferidas, e esses núcleos — esses assentamentos improvisados — livres de limitações e beneficiando de toda sorte de facilidades, se desenvolveram rapidamente, em detrimento da cidade, ainda dispersa co-

mo um arquipélago urbano, e se tornaram como que pseudo-satélites. Houve, por conseguinte, uma completa inversão do previsto, ou seja, a criação de cidades satélites verdadeiras uma vez atingido o limite de 500 a 700.000 habitantes.

É preciso, portanto, levar em

conta essas circunstâncias todas e reconhecer que pelo menos cada um tem sua terra e sua casa, o que não acontecia antes. Muitos chegaram mesmo a enriquecer. Todas as crianças vão à escola, e existem clubes esportivos. O hospital de Taguatinga é um dos melhores.

Quanto às particularidades da concepção da cidade, já tentei por várias vezes explicá-las. O importante é

■ Excerto de *Registros De Uma Vivência*, 1995